

Discursos, Interpretações e Prazeres do Sexo

Foucault, Michel. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo e outros textos*. São Paulo: Landy, 2000, 118p.

Cristiane de Castro Ramos Abud

Mestre em História

Professora da Prefeitura Municipal de Florianópolis

E-mail: nani.castro@bol.com.br

Esta obra de Michel Foucault reúne três textos, produzidos em momentos distintos e com os mais diferentes objetivos, mas que em seu bojo trazem diferentes enfoques temáticos, que encontram intercessão em sua análise metodológica. Este trabalho pode ser entendido como uma discussão sobre as interpretações e suas metodologias.

Em suas falas, por vezes poéticas, em outras sarcásticas, Foucault desenha um interessante caminho metodológico, no qual procura não descolar-se da Filosofia nem da História, não ousando maiores afirmações conclusivas, pois, como ele mesmo adverte, nesta obra não há conclusões essenciais, mas interpretações e possibilidades infinitas.

Logo o primeiro texto - *Um Diálogo sobre os Prazeres do Sexo* - relata uma entrevista realizada em 1982, em Paris, no apartamento do próprio Foucault, pelo pesquisador James O'Higgins. Esta entrevista traz, como tema central, a homossexualidade, traçando paralelos entre história, literatura e o momento histórico em que se tecia a discussão. Entretanto, mais do que uma simples conversa sobre a homossexualidade, é interessante perceber que o que ali se discute é a metodologia utilizada para analisar a homossexualidade tanto na história e na literatura, quanto na contemporaneidade.

A ênfase de Foucault em salientar a importância metodológica da definição e utilização de termos pode ser sentida quando, por exemplo, ele trata das utilizações do termo "homossexual" em oposição ao termo "heterossexual", indicando que isto nada mais seria do

que uma concepção da cultura contemporânea e que, portanto, tendo sido forjado em um determinado momento histórico, precisa ser ponto de atenção dos pesquisadores.

Ainda dentro dessas perspectivas metodológicas, Foucault observa as dificuldades em utilizar o termo “classe de homossexuais” para promover uma análise mais ampla sobre o tema, uma vez que, mesmo que a experiência homossexual ultrapasse a experiência individual - fato perceptível desde a antiguidade -, entender isso como experiência coletiva varia ao longo do tempo e varia de acordo com o lugar, da mesma maneira que a consciência dos trabalhadores enquanto classe sofreu e continua sofrendo variações. Esta necessidade de critérios, de preocupações metodológicas apontada por Foucault, também é estendida ao modo como se interpretam trabalhos sobre o tema, como, por exemplo, na obra do psicanalista Freud, *Psicogênese de um caso histeria numa mulher*, na qual os homossexuais são apresentados pelo autor como naturalmente “mentirosos”. É necessário, portanto, compreender o contexto do século XIX, época em que esta obra foi escrita, uma vez que nesse momento histórico tornava-se necessário ocultar a homossexualidade, por óbvios motivos de exclusão social. Chamá-los de “mentirosos”, então, seria o mesmo que chamar de mentirosos aos que haviam resistido à ocupação militar, uma vez que em ambos os casos se tratava-se de atitudes que visavam a resistências a modelos rígidos.

Foucault tece interessantes considerações sobre as diferenças entre a dita literatura homossexual e a literatura heterossexual, apontando uma interessante questão metodológica: a prática e os discursos. Para Foucault, a necessidade de os discursos literários homossexuais serem tão intensos em sua descrição do ato sexual é uma tentativa de suprir o pouco espaço social que se lhe (à descrição) reservava.

Seria esta uma diferença entre a prática e a representação literária, inversamente proporcionais, uma vez que quanto maior a liberdade ou a aceitação social da homossexualidade (como na Grécia Antiga) menores os relatos dos atos sexuais na literatura? O inverso também é pertinente, que é o que acontece na contemporaneidade com a literatura homossexual. Em suma, estamos tratando daquilo que Foucault chama de continuidades e descontinuidades no trabalho literário.

Logo em seu segundo texto, intitulado *Nietzsche, Freud e Marx*, aborda os modos de interpretação da linguagem destes três intelectuais. Iniciando sua análise pelo século XVI, busca alcançar as convicções metodológicas do século XIX. É um texto metodologicamente interessante, uma vez que visa a colocar em perspectivas cuidadosas o que seria interpretar a própria linguagem, posto que estas acabam por atirar seus intérpretes em um universo infinito de possibilidades (o que ele chama de um eterno jogo de espelhos).

Ao tentar compreender os modos de interpretar do século XVI, o autor apresenta o maior artifício metodológico desse período: a semelhança. Foucault explica que utilizar-se da semelhança como meio de interpretação consistia em crer que tudo poderia ser interpretado a partir desta, seja na Cosmologia, na Botânica ou na Filosofia, dentro de parâmetros que vão se tornar inelegíveis no século XX. Mesmo que nos séculos XVII e XVIII utilizações da semelhança como meios metodológicos para a interpretação estivessem em suspenso, esta mesma técnica influenciará os trabalhos dos três personagens que o autor se dispõe a analisar: Marx, Nietzsche e Freud.

Neste capítulo, especialmente interessante são as idéias de Foucault de “jogo de espelhos” e de “falta de conclusão” da interpretação.

Isto seria visível em Marx, que não interpreta a história das relações de produção, mas interpreta uma relação entre trabalhadores e empregadores considerada que se dá como natural no capitalismo. Freud também não interpreta sonhos e símbolos, mas a linguagem de seus doentes. Nietzsche apodera-se das palavras; afirma que estas não indicam um significado, mas impõe-lhes a sua interpretação.

Tudo em um eterno “jogo de espelhos”. Entendia que as interpretações não são nada mais do que análises de reflexos, mesmo que o intérprete busque profundidade, descendo para mostrar que algo é realmente muito diferente do que aparentava. Ainda assim, nada mais faz que interpretar reflexos, pois não há como entrar em contato com a essência, senão pelo seu reflexo.

Isto seria constatável em Marx, que não interpreta a história das relações de produção, mas interpreta a relação que se dá como natural no capitalismo entre trabalhadores e empregados. Freud também não interpreta sonhos e símbolos, mas a linguagem de seus doentes. Já Nietzsche apodera-se das palavras, afirma que elas não indicam um significado, mas impõe sobre elas uma interpretação.

A falta de conclusões apontada por Foucault dentro das interpretações produzidas pelos três intelectuais que analisa também servem como aporte metodológico para os que se aventuram por esse caminhos, uma vez que “a vida da interpretação é crer que não há mais do que interpretações”(FOUCAULT, 2000:62). Ela é que teria a obrigação de se interpretar a si mesma até o infinito. Para Foucault esta seria uma característica da cultura ocidental: cada intérprete estaria condenado a ser interpretado ao mesmo tempo que interpreta.

O último, mas não menos interessante texto trata da interpretação de Foucault sobre duas obras de Giles Deleuze: *Diferença e Repetição* e *A Lógica do Sentido*. Trata-se de um texto poeticamente filosófico. Importante ressaltar que, nas duas obras, Foucault centra sua

análise no modo como Deleuze tece seus apontamentos sobre o mundo dos discursos, onde o jogo da metafísica aborda o mundo da lingüística e alcança o âmbito do acontecimento. Para Foucault, o tema central de ambas as obras é tratar do lugar que o acontecimento ocupa nos discursos, uma vez que este é por vezes apresentado como “fantasma” ou “representação”. Assim, o acontecimento produzido por corpos não pertence mais à ordem dos corpos, mas ao do pensamento, surgindo como múltiplo e incorporeal: simulacro, ídolos e representações que se constituem.

Outro ponto relevante sobre Deleuze é o conceito de diferença, em que afirma ser necessário perceber as semelhanças e as representações para que se possa construir um quadro de diferenças medíveis, ou seja, a diferença encontra-se sempre em um espaço denominado de oposição. Assim são as representações que ajudam a perceber as diferenças. E as representações nada mais são que reproduções de acontecimentos. Neste mesmo viés, Foucault trabalha o que seria a construção da identidade, que se daria a partir da constatação do diferente, ou seja, descubro o que sou a partir do que decido o que não sou; o outro complementar e produziria o próprio eu.

A importância desta obra de Foucault não está apenas nos temas dos textos abordados, mas nas perspectivas por ele apontadas. A percepção dos lugares possíveis para se conceber a interpretação, assim como de se interpretar.

Recebido em: 27/08/2007

Aprovado em: 26/02/2009